

ENTREVISTA COM A PROFESSORA LINDINALVA MESSIAS DO NASCIMENTO CHAVES

DOI: <https://doi.org/10.29327/210932.1.1-11>

Gerson Rodrigues de Albuquerque
Universidade Federal do Acre
gerson.albuquerque@ufac.br

<https://orcid.org/0000-0002-8808-6683>

A professora Lindinalva Messias do Nascimento Chaves possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), graduação em Direito pela Universidade Federal do Acre (1992), mestrado em Linguística Aplicada - Université de Paris VII (1984) e doutorado em Fonética Experimental - Université de Strasbourg I (1999). Atualmente é professora associada IV da Universidade Federal do Acre. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: fonética e fonologia da língua portuguesa, ensino de língua estrangeira (FLE) e variação linguística¹.

Gerson Albuquerque: *Inicialmente, fale um pouco sobre sua trajetória anterior à universidade, quais foram as motivações que te levaram, posteriormente, aos estudos e atuação na área de letras?*

Lindinalva M. N. Chaves: Minha família é toda daqui de Rio Branco [Acre], com ascendência nordestina, mais precisamente do Ceará, como grande parte dos acreanos. Eu passei minha infância e adolescência em Rio Branco, estudei no Instituto São José, no Colégio Acreano, em todo aquele contexto de “guerras” entre as escolas e bairros. Entre os adolescentes, havia um medo de passar por alguns locais por causa dos grupos, das “patotinhas” que existiam. Por exemplo, quando eu estava fardada, com o uniforme do Instituto São José, que, naquela época, denominávamos Colégio das Freiras, era complicado passar em frente ao Colégio Acreano; se passasse, corria o risco de ser vaiada. Isso ocorria com as meninas, pois, com os meninos, às vezes, chegava-se a patamares mais agressivos, com brigas de verdade. Mas essa rivalidade não se manifestava somente nos embates individuais e grupais de adolescentes, ela se estendia para todos os campos em que as escolas da época estavam envolvidas: as disputas pela reputação de “melhor escola”; pelo primeiro lugar nos desfiles das datas comemorativas, Sete de Setembro, por exemplo; pelo uniforme mais bonito; pelo melhor



¹ Resumo retirado do Currículo Lattes/CNPq

arraial etc. Assim, se, por um lado, ocorriam excessos, por outro havia um espírito competitivo com fins mais justificáveis. Mencionei essa lembrança por fazer parte do conjunto de fatos que forjaram minha personalidade e minha formação. Nas minhas lembranças mais remotas me vejo envolvida em concursos de declamação de poesias, de gincanas de língua portuguesa, de leitura de texto em voz alta. Isso na escola em que estudava, no caso o Instituto São José, e em certames entre escolas. Foi em Rio Branco que fiz toda a minha formação inicial. Cursei o antigo primário. Sou da época do exame de admissão para ingressar no curso ginásial, fiz exame de admissão oral, modalidade exigida na época. Fiz o ginásio, iniciei o curso científico no Colégio Acreano e depois fui estudar no Rio de Janeiro, onde concluí o segundo grau, ingressei na UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro] e me formei no Curso de Letras, licenciatura dupla, português/francês.

A minha escolha por Letras estava diretamente relacionada ao contexto da minha família. Durante toda a minha infância e adolescência, havia na minha família uma crença de que seus membros eram detentores de um certo talento para as letras. Em geral, nós, crianças e adolescentes, escrevíamos bem, segundo os nossos professores, e nos destacávamos nas redações, nas “composições” feitas nas escolas e fora delas. Essa familiaridade com o ato de escrever decorria certamente do lastro cultural da família. Minha avó, Silvina Messias, era uma referência como professora de português na cidade de Rio Branco, minha mãe, Umbelina Messias, foi professora do antigo primário, diretora de escola e foi quem, de fato, me alfabetizou e me pôs em contato com os primeiros livros. Ingressei na primeira série do primário já sabendo ler e escrever sem tropeços. Nós tínhamos livros em casa que outras pessoas não possuíam, haja vista não ser comum, na época. Realmente, não era comum. Em relação a essa situação peculiar, guardo uma lembrança do meu início no Curso de Letras, na UFRJ: Eu já havia lido Machado de Assis, já havia lido Eça de Queiroz, Gonçalves Dias, Olavo Bilac, entre outros clássicos, e as pessoas ficavam bastante espantadas. E eu havia lido essas obras na minha infância, tirando os livros das estantes da minha avó. Meu tio, Lourival Messias, escrevia muito bem, enveredou pelo jornalismo, era culto, e tal qual minha avó materna e sua mãe, possuía um acervo bibliográfico bastante interessante para a época. Estar cercado por livros era algo muito natural para as crianças e adolescentes da minha família. Monteiro Lobato, por exemplo, eu conhecia seus livros de cor, sabia passagens de cor, gostava tanto, lia tanto que acabava decorando. Até hoje, eu tenho toda a coleção original do Monteiro Lobato e minha irmã também tem sua coleção. Há alguns anos minha irmã foi morar em Buenos Aires e decidiu se desfazer da coleção de Monteiro Lobato; trouxe-os do Rio de Janeiro para mim, no Acre, não conhecendo outra pessoa que desse à obra o devido valor. Como eu já tinha minha coleção, perguntei se poderia fazer doação e concordamos que poderia ser doado a quem realmente valorizasse o que, para nós, é um tesouro. Cheguei a oferecer a coleção à Professora Socorro Calixto, da área da literatura na UFAC. A professora se mostrou muito interessada, mas não tive coragem de efetivar a doação e decidi que ficaria com as duas coleções.

Foi uma excelente decisão, pois minha irmã acabou por se arrepender de se desfazer dos livros e levou-os de volta, guardando-os até hoje.

Naturalmente o hábito de ler não era exclusivo da minha família, embora se constituísse em traço marcante dela; tenho lembranças de coleguinhas na pré e na adolescência com os quais trocava livros e revistas, assim como mantinha clubes dos livros. A leitura era um hábito, não diria comum a todos, mas certamente mais praticado do que nos dias atuais. Por outro lado, o Instituto São José também exerceu forte influência na minha formação de leitora. Lembro até hoje com carinho e apreço do fato de decorarmos para apresentações em público as poesias e poemas dos clássicos Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Castro Alves, dentre outros.

Penso que o episódio com minha irmã revela bem a relação de minha família com os livros. Todos nós líamos muito. Sempre fomos muito incentivados para essa área de letras, para a área de humanas, em geral, principalmente a área de língua portuguesa e das literaturas. Então, não houve meios de escapar. Quando eu fui prestar o exame vestibular, decidi pelo Curso de Letras. Não teve nada a ver com escolha profissional, foi puro diletantismo e como eu já fazia inglês na época, pensei em uma segunda língua, optando pelo francês, e foi o que eu segui na vida profissional. Eu me formei em 1978 e ainda trabalhei um ano como secretária executiva em uma empresa internacional de engenharia do Rio de Janeiro. Nesse período surgiu a oportunidade de trabalhar na UFAC e, em 1980, eu ingressei no quadro docente do Curso de Letras dessa Instituição.

Como docente iniciante fui fortemente influenciada pelo que eu denomino “espírito da época”, um quadro de professores e alunos muito motivados para o estudo e desejosos de um ensino de qualidade.

Gerson Albuquerque: *No início dos anos 80, a imagem que se tinha dos professores do Curso de Letras, do Departamento de Letras, de um modo geral, era de serem muito competentes, mas muito conservadores. Como você vê essa imagem ou como você analisa essa imagem?*

Lindinalva M. N. Chaves: Primeiramente, permita-me falar da imagem que tínhamos do povo da História [risos]. Essa imagem é que eram muito intelectuais, mas um bando de malucos, um tanto quanto perigosos, dos quais seria melhor manter distância [risos]. Mas é verdade, penso que havia um certo conservadorismo. Alguns professores eram bastante elitizados, provenientes de famílias da elite do Acre. Eu me lembro de ter sido cobrada diversas vezes pela forma como me vestia. Eu estava vindo da graduação na UFRJ e usava calça jeans e camiseta. Passei anos usando calça jeans, camiseta e tênis. Isso para mim era muito natural, na UFRJ e no Rio todos se vestiam assim. O meu primeiro carro foi um fusquinha e as pessoas me cobravam: ‘como uma professora universitária andando assim, usando esse carro?’, comentários desse tipo. Eu acredito que a maioria dos docentes provinha de famílias que tinham apego aos valores considerados tradicionais (respeito aos mais idosos, senso de hierarquia, seriedade no trabalho, bom comportamento, bons costumes, etc.).

Por outro lado, nós tínhamos consciência da nossa reputação, tanto da reputação de conservadores quanto da que se refere à competência. Não creio que o rótulo

de conservadores afetasse qualquer um de nós, estávamos muito mais preocupados com a imagem de competência. Houve uma época em que o Curso de Letras era uma referência, era o curso modelo da UFAC. Nas reuniões com outros cursos, com outros diretores ou dos órgãos colegiados, frequentemente, isso vinha à baila, nas discussões: “o Curso de Letras é referência, o Curso de Letras é muito bom”. Nós tínhamos consciência, tínhamos orgulho disso e queríamos manter essa imagem. Claro que havia problemas, como sempre vai haver, com um ou outro professor e com um ou outro aluno, mas eram casos isolados. Em geral, prezávamos muito pelo bom trabalho e cada professor dava o melhor de si no que concerne à sua área, ao seu conhecimento, conforme as limitações naturais de cada um ou as limitações estruturais.

Talvez a imagem de conservadorismo viesse também um pouco dessa postura dos professores, pelo apego ao que se considerava correto no ato de ensinar. É preciso lembrar que, nesse tempo, ainda havia resquícios da nobreza da carreira do magistério, os professores ainda gozavam de certo prestígio social, os de Letras eram geralmente oriundos da Escola Normal, com uma trajetória escolar regular, sem tropeços. Sim, havia um certo conservadorismo se considerarmos que alguns valores começavam a passar por um processo de diluição na sociedade, na década de 1980. Corroborava para essa imagem de conservadorismo o fato de que o curso atraía uma clientela bastante semelhante ao corpo docente, em grande parte pessoas de famílias conhecidas que já atuavam no magistério, estudiosas e “bem comportadas”.

Gerson Albuquerque: *E como era o acesso para chegar no campus universitário?*

Lindinalva M. N. Chaves: Eu lembro de uma passagem, estávamos eu e a professora Wany, da área de inglês e diretora do então Departamento de Letras. Lembro-me de estar de carona com ela, pois nessa época eu ainda não possuía carro, e, no caminho, havia um grande atoleiro na estrada, após uma forte chuva. O atoleiro estava situado perto de onde é a AABB, o carro não passava e fomos salvas por alguns homens em um caminhão, que nos levaram até a UFAC. Situações desse tipo aconteceram muitas vezes.

Eu tenho lembranças muito divertidas dessa época. Uma vez, quando eu era presidente da Comissão do Vestibular, a Copeve, uma equipe da qual eu fazia parte, foi aplicar prova em Xapuri e foi muito engraçado porque a equipe, impossibilitada de continuar na estrada no carro da UFAC, chegou a Xapuri em uma carroça, todos sentados em bujões de leite, sob a chuva. A secretária da Copeve pegou um papelão e escondeu a cabeça, dizendo que estava morrendo de vergonha de chegar à cidade dessa forma. O Professor Magnésio, da Física, e eu nos divertíamos com a situação, ríamos muito.

No caminho para a UFAC também ocorriam situações semelhantes, guardadas as devidas proporções. Certa vez dirigi-me ao trabalho no meu carro e não havia forma de passar pelas imensas poças d’água e chegar ao campus, em virtude de trechos completamente alagados. O trecho que fica em frente ao que hoje é o Supermercado Mercalle alagava de tal maneira que formava um pequeno igarapé atravessando a rua, obrigando todos os motoristas a darem meia volta.

Gerson Albuquerque: *Você entrou na UFAC como graduada e depois saiu para fazer o mestrado e o doutorado, como foi esse processo?*

Lindinalva M. N. Chaves: Na época, havia um intercâmbio muito forte com a embaixada da França, que concedia bolsas e mantinha um olhar todo especial para a região Norte, porque eles queriam expandir o francês para essa região. Assim, praticamente quem pedia bolsa conseguia. A Associação dos Professores de Francês do Acre obtinha uma ou duas bolsas por ano. Eu fui agraciada com uma bolsa para um curso de aperfeiçoamento de francês, com a duração de um ano, 1982. Cheguei à UFAC em 1980 e em 1982, já consegui uma bolsa e fui liberada com essa bolsa para fazer esse curso de um ano na França, em Poitiers. Foi a minha primeira estadia na França. Quando eu cheguei à Universidade de Poitiers, fiz esse curso de aperfeiçoamento, mas, ao mesmo tempo, por conta própria, comecei a fazer um mestrado em curso próximo da Linguística Aplicada, a Didática de Línguas, em Paris. Posteriormente solicitei à UFAC autorização para permanecer mais um ano com vistas a finalizar o mestrado, o que me foi concedido. Permaneci em Poitiers/Paris durante dois anos e retornei à UFAC com dois títulos, o de aperfeiçoamento e o de mestrado.

O título de mestre acabou gerando uma confusão enorme porque havia, como ainda há, a questão da revalidação do curso. Questionou-se a competência da instituição para o ato de revalidação e, como não havia legislação interna relativa ao procedimento, instaurou-se uma dúvida acerca da aceitabilidade do diploma, se ele era ou não válido no Brasil.

Aborrecia-me, profundamente, a falta de informação nos diversos setores da instituição e, sobretudo, a falta de vontade de obter informações. Foi um processo relativamente longo e algo doloroso em que me vi obrigada a recorrer ao Conselho Universitário para assegurar os meus direitos. Coube a mim juntar documentos e resoluções de outras instituições do país para provar que o reconhecimento interno de diplomas era perfeitamente legal. Era demorado, desgastante e muito injusto porque os setores concernentes da UFAC tinham, evidentemente, muito mais condições do que eu, individualmente, para conseguir essas documentações, e não se dispunham a fazer essa coleta. Enfim, o título foi reconhecido e eu continuei a trabalhar. Apenas dez anos depois, decidi fazer o doutoramento.

Em 1994, ingressei no doutorado em Fonética Experimental em Estrasburgo (França), sendo a Fonética a área em que eu mais atuo até hoje. Ressalto o fato de não haver, no Brasil, nessa época, mestrados e doutorados nessa área. Foi a partir dos doutores formados entre 1980-2000 que a pós-graduação em Fonética/Fonologia Experimental/Instrumental começou a ter lugar nas universidades brasileiras. Concluí o curso e obtive o título de doutora em 1998. No retorno ao Brasil, dei início ao processo de revalidação do diploma na Universidade de Santa Catarina, o que ocorreu cinco meses após a solicitação.

Gerson Albuquerque: *E foi nesse contexto de teu retorno que foi criado o Centro de Estudos Dialetológicos do Acre? Você pode falar um pouco sobre esse processo?*

Lindinalva M. N. Chaves: O CEDAC (Centro de Estudos Dialetológicos do Acre) foi fundado pela professora Luiza Lessa, antes da minha saída para doutorado, não sei precisar a data. Era um grupo de pesquisa com o objetivo de elaborar um “Atlas Etnolinguístico do Acre”. Lembro de uma celeuma na época com pessoas perguntando sobre a razão de se colocar “Centro” no nome quando, na realidade, era um grupo de pesquisa. Mas o nome dado pela referida professora permaneceu e ela ficou por muitos anos fazendo sua pesquisa, com atuações no PIBIC, com vários assistentes, colegas, professores. Eu mesma atuei por algum tempo no CEDAC nessa época. Após a aposentadoria da professora, o CEDAC ficou à deriva, com dois bolsistas PIBIC finalizando seus projetos, sem orientação.

Como o CEDAC estava ligado ao departamento, alguma atitude deveria ser tomada, por conseguinte, a Diretora do Departamento de Letras da época me convidou para ficar à frente desse centro porque havia recursos, havia o espaço físico e mobiliário, além dos dois bolsistas que restaram do projeto antigo. A única professora que fazia parte do grupo antigo estava afastada para mestrado. Depois que assumi a direção desse grupo de pesquisa, fiquei durante algum tempo à frente das atividades; após a finalização dos trabalhos oriundos do antigo projeto, procurei dar novos rumos à pesquisa, que, até então, voltava-se unicamente para o estudo do léxico da língua portuguesa.

Inicialmente as novas pesquisas estavam concentradas na minha área de atuação principal, análise dos aspectos fonético/fonológicos da língua portuguesa; posteriormente houve incursões na área referente ao léxico da língua portuguesa, mas não apenas no campo da Dialetologia, tal qual no projeto antigo, mas também sob a ótica da Lexicologia e Lexicografia. Em 2005, entraram no grupo professores recém-concursados, notadamente a Professora Luciana Marino, com novas abordagens de pesquisa. O nome CEDAC começou a incomodar o grupo por ser demasiadamente específico, não retratando, portanto, a realidade das novas pesquisas que passaram a ser feitas. Assim, o CEDAC não existe mais como grupo de pesquisa; atualmente, são dois grupos do qual sou líder, a saber: Descrição das línguas faladas na Amazônia, criado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras e Descrição e análise da língua portuguesa: fonética, fonologia, variação e ensino, criado no âmbito do PROFLETRAS. As pesquisas engendradas nesses dois grupos deram origem a várias apresentações no PIBIC e a diversos temas de estudo para dissertações de mestrado.

Gerson Albuquerque: *Você participou do processo de criação do PPGLI? Fale um pouco sobre esse processo.*

Lindinalva M. N. Chaves: A criação do mestrado em Letras era uma ideia que vinha sendo discutida desde a época do antigo Departamento de Letras, não tendo logrado finalização por um bom tempo. Foi em 2006 que o Curso de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade foi implantado. Não participei diretamente do processo de criação do curso, mas estive presente no programa desde a primeira turma.

Gerson Albuquerque: *Agora, fale um pouco sobre as mudanças no curso de Letras, as mudanças em termos de passagem da licenciatura dupla para licenciatura única, o desmembramento em quatro cursos. Você chegou a acompanhar essa discussão?*

Lindinalva M. N. Chaves: Acredito ter acompanhado todas as discussões sobre a passagem da licenciatura dupla para a licenciatura única no âmbito do antigo Departamento de Letras e do atual Centro de Educação, Letras e Artes. O curso teve início em 1976 na modalidade dupla licenciatura, Letras: Português-Inglês e Letras: Português – Francês. Em 1986, o colegiado de curso elaborou e implantou projeto de reformulação com a modalidade única, Letras: Português, Letras: Francês, Letras: Inglês e Letras: Espanhol.

Havia, e ainda há, uma grande celeuma em torno da ideia da licenciatura dupla, que estava sendo extinta na maioria das universidades em prol da modalidade única. No que concerne ao Curso de Francês da UFAC, penso que a habilitação única enfraqueceu muito o curso, retirando dos alunos a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, posto que o ensino de língua francesa foi retirado das escolas, e transformando o curso em mero meio de passagem, “trampolim”, para os demais cursos de graduação da UFAC. Esse processo de utilização da entrada no curso como “trampolim” foi marcante a partir da habilitação única, embora não se possa creditar essas ocorrências unicamente a esse fator.

Na UFAC muitas discussões, muitos embates sobre a modalidade dupla ou única ocorreram, principalmente no âmbito do colegiado do curso, durante os processos de reformulações. É, até hoje, uma discussão ampla, que não deveria ser reduzida ao confronto licenciatura única x licenciatura dupla, haja vista a diversidade de fatores envolvidos na questão. O que eu defendia, e defendo até hoje, é o fato de o curso de Francês ocupar uma situação peculiar, não devendo, portanto, ser visto e tratado como as demais licenciaturas de Letras. Não era o caso, na época, de se discutir, no que concerne ao Curso de Francês, que modalidade era a melhor mesmo porque, na minha opinião, há argumentos favoráveis e desfavoráveis a respeito de ambas. Era o caso de se discutir os possíveis caminhos para a manutenção do curso, quais as soluções possíveis ainda que essas soluções diferissem das encontradas para as três outras habilitações.

Na época eu era defensora ferrenha da dupla habilitação; atualmente vislumbro alguns caminhos para o Francês na modalidade única na UFAC, mas que exigem muita atenção, muito cuidado. Em qualquer caso, penso que professores da área e alunos deveriam ser ouvidos, o que, efetivamente, nunca ocorreu.

Quanto ao desmembramento em quatro cursos, com a separação dos colegiados é, a meu ver, ato que, incontestavelmente, enfraqueceu o Curso de Letras, havendo este entrado em processo de perda de unidade e de representatividade. Atualmente, nas assembleias de Centro, por exemplo, eu vejo que o “Curso de Letras” está calado, foi silenciado. O curso de Letras, em si, talvez já seja menor do que alguns dos outros cursos do CELA [Centro de Educação, Letras e Artes] e, além disso, está dividido. Nós não nos vemos mais como o curso de Letras, agora somos o curso de Inglês, o curso de Francês, o curso de Espanhol, o curso de Português. A

consequência nefasta é que não existe união em prol de uma causa única, seja ela qual for. As habilitações atuam e funcionam, no mais das vezes, individualmente. Evidentemente, essa situação trouxe um enfraquecimento enorme para o Curso, tanto do ponto de vista acadêmico quanto do ponto de vista político nas diversas instâncias da UFAC.

Gerson Albuquerque: *Em uma visão panorâmica, que balanço você faz desses 50 anos do curso [ou área] de Letras na UFAC?*

Lindinalva M. N. Chaves: Eu penso que houve um enfraquecimento gradual do Curso de Letras em geral, e da habilitação em Língua Francesa, em particular, com circunstâncias cada vez menos propícias ao ensino-aprendizagem. Evidentemente, não é um problema apenas do Curso de Letras, está em jogo um reflexo dos governos e desgovernos que não atuam em prol da educação no país, da perda de valores na sociedade [o meu conservadorismo como boa representante do quadro docente antigo aflora neste momento], sobretudo da perda da valorização do saber. Atualmente, eu me flagro pensando no futuro do país com tamanha desvalorização do saber, do conhecimento.

A qualidade de ensino, na minha opinião, e acho que é senso comum, caiu em todos os níveis, e um círculo vicioso se estabeleceu. Assim, a universidade recebe alunos com lacunas sérias em sua formação, tais alunos acabam por finalizar os cursos e vão atuar na formação de novos ingressantes na universidade. Esse é um problema complexo, objeto de discussão nas universidades, nas secretarias de educação, nas diversas instâncias ligadas ao ensino, mas para o qual ainda se está muito longe de vislumbrar uma solução efetiva posto que elementos e fatores diversos estão envolvidos.

Essa situação me faz chegar aos anos finais de carreira com certa melancolia, com uma certa impressão de que, no passado, a qualidade do curso era melhor.

É claro que há aspectos positivos também, a própria criação dos dois programas de pós-graduação é um deles, o investimento na qualificação e titulação dos professores é outra, os programas de apoio aos estudantes constituem-se em um terceiro aspecto, os programas de pesquisa e de extensão, praticamente inexistentes no anos iniciais do curso, o aparato tecnológico de que não se dispunha... Mas em meio a toda essa conjuntura, aparentemente muito favorável, resta-me a sensação de não termos conseguido fazer face aos problemas que se acumularam ao longo dos anos.